



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Questão 1

A BNCC veio a público em 2017, e segundo os discursos no campo da educação física, os documentos deixam de considerar muitos dos jogos realizados pelo indivíduo no seu processo de construção. Um movimento pouco democrático, que segundo Nevo, "vem do alto", e deteriora a qualidade e a necessidade das escolas brasileiras.

A proposta de ensino ancorada nas habilidades e competências, onde a preocupação centra-se no aprender a aprender, ~~isto~~ configura-se como um ~~desvio~~ retrocesso educacional, pois a centralidade está na qualificação ~~isto~~ para o mundo do trabalho, distanciando-se do compromisso educativo com o saber escola (Faviani, 2015). Outro elemento importante no que tange as orientações do documento, diz respeito à proposta dos itinerários formativos, onde o estudante pode escolher a sua área de formação. Esse movimento, ao que tudo indica, coloca e responsabiliza o estudante pelo seu processo formativo, desresponsabilizando o Estado desse dever.

O discurso de empreendedor de si mesmo, segundo Bauman (2001) está arraigado os valores neoliberais que se centram na educação, movimento que é mundial e ~~tem~~ pode largar ainda mais as diferenças e desigualdades econômicas e sociais



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

No que concerne a educação física, as inconsistências se encontram-se na inconsistência teórica e conceitual que orienta as ações didáticas e objeto de conhecimentos da área (NEIRA, 2018).

Não há no documento do 3º nível, ~~em~~ justificativas para o termo prático corporais, usado para descrever o objeto de ~~esta~~ área. Além disso, cultura corporal, cultura corporal de movimento e cultura do movimento são tratados como sinônimos, quando, na verdade correspondem a formas de ler o mundo.

Ainda seria importante pontuar, que a ideia de currículo comum, que objetiva universalização do ensino, pode contribuir para o aumento da desigualdade social, econômica e cultural, pois, quando analisamos a história educacional brasileira, é possível identificar que o que mais sofreu com o alijonamento do ensino, e consequentemente dos processos educativos, são continua sofrendo. O ensino técnico, instrumental e prescritivo para a qualificação da mão de obra ~~está~~ com força no proposto da BNCC; ~~o~~ movimento que não trata a educação como possibilidade de compensação social de qualidade.

Sobre o desdobramento do EF para a área dos linguagens, em minha interpretação é talvez um dos poucos pontos ~~de~~ que apresenta avanço no documento.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

A área das linguagens em contextos de saúde, possibilita a EF, romper com as raízes eurocêntricas, biomédicas e naturais que a cercam. Tomando à ~~longe~~ área das linguagens a EF pode contribuir com a compreensão dos estudantes em sua totalidade, respeitando as diferentes formas de expressão que se manifestam na linguagem oral, gestual, e corporais dos alunos. Contudo, também é preciso destacar que não há, no documento, argumentos técnicos que sustentem tal perspectiva.

Um documento que se propõe nacional e comum, preciso, necessariamente, ser consistente, ~~no~~ uma vez que, com as se tratar de orientações curriculares, há uma concepção de mundo, homem, e ~~da~~ educação que as firm e as coes indica a posição de alguém, para alguém. Nesse sentido, cabe se perguntar, a quem serve a BNCC? Para quem interessa um currículo que padronize e homogeneize as diferenças?

Referência

Soriano, D. Escola e Democracia. 2015

New, M.G. Incoerências e Paradoxos da BNCC de EF. 2018



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Questão 2

Para problematizar a discussão sobre os desafios da intervenção em Educação Física escolar nas culturas juvenis, faz-se necessário, num primeiro momento compreender quem são os jovens estudantes que chegam à escola e que frequentam essas aulas. Nesse sentido, apóio-me em Dayrell (2003) ao compreender que ~~estes~~ ^{estes(s)} não são pessoas "vazias", pelo contrário, são sujeitos sociais que carregam suas experiências e vivências, marcadas pelo contexto em que vivem, e constituem a partir das diversas relações que estabelecem na escola e fora dela.

Tais experiências adentram as escolas com esses jovens, e por isso, não podem ser ignoradas e/ou silenciadas, pois, na verdade, constitui o processo educacional ~~de~~ ^{de} ~~professores~~, isto é, demandam reconhecimento dos envolvidos (professores e demais agentes sociais que compõem a cultura escolar), sendo tomadas, inclusive, como pontos de partida para a construção e elaboração das ações didático-metodológicas que envolvem o fazer docente.

Muira (2009), Dayrell (2003) e Dayrell e Carrone (2011), em suas pesquisas sobre a cultura juvenil, alertam para a necessidade da escola, e, portanto, dos professores, pensarem nas diferenças que constituem esses sujeitos. Por isso, para os autores, é preciso falarmos em culturas juvenis, no plural, compreendendo com a ideia de homogeneização que insiste em padronizar a juventude, como se fossem adultos em construção, pensando que desconstrua o presente, tomando os jovens como sujeitos que "ainda não são".



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

Kal-69

Assim, compreende-se este com um dos principais desafios da vida enfrentada pelas escolas e professores. Ao buscar contemplar os juvenis no processo educativo, é preciso reconhecer que antes de serem estudantes, eles são jovens, e como tal, constroem seus modos de se jogar, suas culturas juvenis, que são marcadas e atravessadas pelo contexto social, econômico e cultural. Além disso, Neiva (2009) também nos lembra que as culturas juvenis expressam as diferenças étnicas, religiosas, de gênero e a própria sexualidade dos sujeitos. Essas diferenças, segundo o autor, não podem passar despercebidas, pois ~~se~~ a haverem os corpos e idéias voltados a esses sujeitos, que se reconhecem uns nos outros, a partir dos roupas e atitudes que usam, das gírias e gestualidades com que expressam seus desejos, vontades e orientações no espaço social.

Ainda, é preciso reconhecer as desigualdades sociais que englobam o contexto escolar e que colocam os estudantes em condições econômicas e sociais distintas. Muitos dos jovens estudantes que frequentam as escolas de ensino médio, não trabalhadores e compartilham responsabilidades familiares, que, muitas vezes, condicionam seu envolvimento com a escola para um segundo plano, pois eles precisam contribuir ou são responsáveis pelos questões financeiros das suas respectivas famílias.

Ao pensar na escola como uma encruzilhada de culturas, conforme o autor Pérez Gomez (2001), entende-se que as aulas se constituem como espaço fértil para a problematização dos questões que atravessam os juvenis. Nesse sentido, entende-se como falatório e discurso de universalização de ensino, pois, num país como o Brasil, onde a desigualdade social se sobrepõe aos direitos dos sujeitos que frequentam as escolas, a cultura de comum, homogeniza e faz perpetuar as desigualdades existentes.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Pensar e discutir um currículo comum, na minha compreensão, pode ampliar ainda mais as dificuldades e desafios que envolvem o processo educativo, como vez que, a padronização contribui para a cristalização dos hierarquias e hegemonias nos discursos dominantes, que insistem em desconstruir a diversidade e as diferenças que constituem os sujeitos. Nesse sentido, entender um currículo, e, portanto, as ações didáticas-metodológicas que envolvem o processo educativo, precisam mais que tolerar a diversidade cultural e as diferenças que constituem as identidades dos jovens estudantes; precisam, ser tomadas como ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem, compreendidos com expressões de pertencimentos e reconhecimento dos sujeitos.

Entendo, portanto, que as possibilidades de intervenção que podem superar os desafios postos, precisam estar articuladas a preposições de currículos que se alinhem as ideias contra-hegêmicas de educação e, portanto, de Educação Física. Para isso, apresenta as perspectivas de currículos críticos de Apple (2013), pós-críticas de autores como Kall (2001) e Silva (1999) e o multiculturalismo crítico de McLaren (2000), como possibilidade de ~~isto~~ reflexão e organização do processo educativo.

Primeiro, é preciso destacar que salvaguardando as diferenças conceituais que englobam e constituem cada perspectiva, elas se colocam contrárias as diferentes formas de expressão e marginalização social. Buscam, ~~esta~~ ~~qual~~ promover espaços de reflexão sobre a realidade, perspectivando a sua transformação.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Apple (2001) ao propor discutir um currículo crítico, entende como necessário a ~~super~~ tomada de determinantes sociais que atravessam as realidades dos estudantes e que inscrevem nos sujeitos sociais as desigualdades. McLaren (2001), ao discutir um currículo multicultural, fornece pistas importantes ao considerar as diferenças no processo educativo, isto é, as múltiplas culturas que adentram as escolas ~~com~~ constroem aquele espaço diverso, plural que não pode, na perspectiva de autores, ser tomada como única, pois assim contribui para o apagamento das identidades que se fazem na escola e para além dela.

Partindo das compreensões pós-críticas de currículo, ainda que estas possam também ser passadas por diferentes autores, de uma forma geral, e não objetivando tomá-los como sinônimos, é possível destacar que as diferenças não colocadas no centro do currículo. Isso significa dizer que a diferença é preclomada ~~para~~ no sentido de conferir reconhecimento e pertencimento aos indivíduos, contrariando a ideia de normalização e homogeneização que, ao fim e ao cabo associam os direitos dos estudantes, neste caso dos jovens estudantes, de serem quem são ou quem quiserem ser (Silva, 1999).

Muito próxima a esta compreensão de currículo, na Educação Física, temo o Currículo Cultural, proposto por Nunes e Nunes (2016). Os autores, inspirados nas perspectivas multicultural inicialmente, e nas compreensões pós-críticas e pós-estruturalistas mais recentemente, apresentam uma possibilidade (currículo cultural) de buscarem romper com as tradições prescritivas e normativas que envolvem a Educação Física. Nessa compreensão, as diferenças também são enfiadas no processo educativo, e os aulas de educação física são compreendidas como espaços de reivindicação das diferenças.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Para Neiva (2018), a cultura corporal (conhecimentos de que trata a EF) precisa promover práticas corporais que incluam as diversidades culturais que ~~como~~ envolvem os ~~estudantes~~ jovens estudantes. A prática pedagógica dos professores, nesse sentido, precisa estar ancorada na superação de práticas ~~discriminatórias~~ que contribuam para a discriminação e esvaziamento das diferentes identidades (NEIVA, NUNES, 2020)

Do mesmo modo, assim como propõe Foure (1996), entende que os desafios posto por uma sociedade desigual, precisam ser reconhecidos no planejamento e intenção dos professores nos aulas. Para isso, entende a educação dialógica como elemento primordial, buscando conhecer os ~~os~~ jovens estudantes (quem são, de que gostam, o que fazem fora de escola, o que perspectivam nas suas jornadas) e incorporar esses elementos nos aulas de EF; possibilitando espaço de reconhecimento, de pertencimento, em que, a partir de problematizações, os estudantes possam ler o mundo e realidade que os cerca, perspectivando a transformação social.

Referências

- Dayrell, J. Jovens como sujeitos sociais. 2003
- Dayrell, J.; Carrasco, P. Quem são os jovens estudantes que chegam à escola? 2014
- Neiva, M.G. O ensino de Educação Física
- Neiva, M.G.; Nunes, M. A EF e o currículo cultural: por uma pedagogia do(s) di-
ferença(s). 2016
- Neiva, M.G.; Nunes, M. Proposta político-pedagógica e epistemológica do currículo
cultural. 2020
- Ruiz Gómez, A. La cultura escolar en la sociedad neoliberal. 2001



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

- Silvo, T.T. Documentos de Identidade. 1999.
- Hall, S. Identidades e diferenças. 2001
- McLaren, P. O multiculturalismo crítico, 2000
- Apple, M. Faz sentido a ideia de um currículo comum? 2013



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público - Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

Questões 3

KAL-69

A infância, segundo Jarment (1995) é uma categoria social
quacional, que veio, ao longo dos anos, ganhando diferentes conotações.
Na idade medieval, por exemplo, as crianças eram ~~as~~ tomadas como
adulto em miniatura, sendo, além que possível, ~~as~~ incorporadas ao
trabalho. Do mesmo modo, não havia o reconhecimento desses sujeitos
como sujeitos pensantes, eram considerados e compreendidos como infantes,
isto é, sem voz, sem direitos.

A noção de infância surge ~~na~~ com o advento da modernidade,
quando ela passa também a ser objeto de estudo de diferentes campos
do conhecimento: psicologia, antropologia e educação, por exemplo. Há
neste contexto, uma preocupação com esse sujeito, tanto que se reduzem os
níveis de mortalidade infantil. Entendo, Kramer (1982) destaca que
essa compreensão de infância, emerge da ideologia burguesa, uma compreensão
de racionalização e naturalização que não leva em consideração as
diversas contextos sociais, econômicos e culturais que envolvem as infâncias.

Tal compreensão acaba por homogeneizar as crianças, desrespeitando
suas diferenças e diversidades, uma vez que não são compreendidos como
sujeitos históricos, sociais que produzem cultura e por ela são produzidos.
Essa ~~o~~ entendimento, ainda é presente em muitos aspectos de ~~educação~~
educação infantil, que além de não considerar ~~as~~ suas ~~as~~ diversidades
acabam contribuindo para a fragmentação da FOLHA DE RESPOSTA Nº 10
criança, bem como, do ensino.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

Nesse sentido, Ayoub (2001), Buss-Jimões (2001) e Fayão (1999; 2005) buscando problematizar esta noção de criança e infância que ainda insiste em permeia os discursos de currículo nas escolas, ~~buscam~~ apresentam compreensões que propõe compreender as crianças na sua totalidade; ou seja, sujeitos sociais, históricos ~~que~~ e produtores de cultura. Para as autoras, as crianças se expressam por meio de diferentes ~~linguagens~~ linguagens, as quais se materializam no jogo, oralidade, musicalidade e corporeidade, ressignificando e dando sentido ao seu mundo infantil, constituindo, portanto, seus culturas infantis.

Sarmento (1995) ao estudar a pesquisa as infâncias, alerta para o uso do termo cultura infantil no plural, pois, de acordo com o autor, trata-se de multiculturalismo que se trata. Do mesmo modo, entende que as diversidades e diferenças que constituem as culturas infantis, precisam ser reconhecidas a partir do contexto em que vivem, sobretudo, quando se pensa na desigualdade social que atinge o país, onde mais de 160 milhões de crianças e adolescentes ~~estão~~ se encontram em situações de trabalho infantil, segundo recente pesquisa da Unicaf (2021). Quando se faz a análise desses dados levando em consideração as questões étnico-sociais, os números são ainda mais desoladores.

Desse modo, entende não ser possível compreender os crianças de forma descontextualizadas de suas realidades.



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências da Saúde
Escola de Educação Física e Desportos
Concurso Público – Edital UFRJ Nº 953/2019

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO:

KAL-69

As brincadeiras, os jogos e o movimento, são apontados por Buss-Jimões (2001) como elementos que contribuem para a criação e recuperação das culturas ~~infantis~~ infantis. Com eles, as crianças tecem seus mundos, e ultrapassam limites a suas realidades. Na escola e nos aulas de Educação Física ~~as~~ as propostas pedagógicas precisam levar em consideração a ~~este~~ busca pela ruptura da fragmentação dos avanços. Para isso, Fayão (2005) apresenta a importância do trabalho coletivo entre os professores que trabalhem com esse tipo de educação física, propondo ações ~~que~~ em que as crianças se ~~deven~~ tornem protagonistas dos aulas.

Isso não significa dizer que as brincadeiras são espontaneístas, pelo contrário, tem orientações e intenções pedagógicas, pois as necessidades das crianças são tomadas como pontos de partida do processo educacional, respeitando suas especificidades e singularidades, como sujeitos que são e não como um rei a ser.

~~Jarment~~ Jarment, J. Psicologia da infância. 1995

Ayoub, E. narrativas experiências na EF na Educação Infantil. 2001

Buss-Jimões. Reflexões sobre o 'chão de EF' na Educação Infantil. 2001

Fayão, D. Reflexões sobre a EF na Educação Infantil. 1999

FOLHA DE RESPOSTA Nº 12